

Quatro artistas e suas fotografias

Luisa Duarte

A coletiva FotoEncontro, na Galeria Mercedes Viegas, reúne artistas que fazem uso da fotografia em suas obras, cada um deles possuindo um universo de questões próprio. Nomeia-se esse breve texto de “Quatro artistas e suas fotografias” com a intenção de sinalizar, logo de início, que se trata aqui de artistas cujos universos poéticos se manifestam na fotografia, mas também podem, ou poderiam, ir além desta linguagem. Começar uma discussão sobre arte no século XXI através do meio utilizado é uma atitude que, dependendo da forma que se proceda, pode limitar a leitura das mesmas. Feito o alerta, o que temos aqui são quatro caminhos poéticos diversos, encarnados em fotos. Uma chance oportuna para o público ver um panorama pequeno, mas variado e de qualidade, do uso deste meio na arte contemporânea atual. Mauro Restiffe, Matheus Rocha Pitta, Flavio Colker e Otavio Schipper são exemplos desta multiplicidade de percursos que a produção contemporânea do país trilha nos dias de hoje.

A fotografia possui na sua origem uma pretensão problemática, a de ser um duplo do real que de tão auto-evidente dispensaria qualquer tipo de decifração. No livro “A Filosofia da Caixa Preta”, Vilém Flusser apresentou, de maneira exemplar, esta questão. “Aparentemente imagem e mundo se encontram no mesmo nível do real: são unidos por uma cadeia ininterrupta de causa e efeito, de modo que a imagem parece não ser símbolo e não precisar de deciframento”.¹ A obra de Mauro Restiffe lida com este campo de questões. O artista busca provocar um olhar atento para perceber que o visto em uma fotografia pode estar para além da dimensão pura e simples da visão. Há, em todas as séries de trabalhos apresentadas na presente exposição, essa vontade de flexionar a falsa objetividade da fotografia, buscando, para isso, fragmentos de mundo que não se mostram por inteiro.

Na série de politípicos “Braille”, Restiffe registra secamente guias para cegos que sinalizam a biblioteca para deficientes visuais do Centro Cultural São Paulo. Caso não

¹ Vilém Flusser, *Filosofia da Caixa Preta – ensaios para uma futura filosofia da fotografia* (Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002), ps. 14.

tenhamos esta informação o que vemos são imagens de natureza construtiva, que revelam linhas retas e claras sobre um chão escuro. Tais linhas, no mundo, servem de guia para aqueles que não vêem. É um outro sentido, o tato, que dá utilidade para aqueles objetos. Note-se que o artista escolhe mover sua lente para um detalhe periférico do mundo, não para o centro, e nesse desvio registra aquilo que quase ninguém nota, pois não é feito para nós, videntes, mas para aqueles destituídos desta função. Nesse procedimento o artista recorda que podemos instaurar um outro alfabeto, que não aquele do olhar crente, que ainda vê de forma ingênua o que é reproduzido pelas lentes fotográficas. Ao titular a obra de “Braile”, Restiffe sinaliza outras possibilidades de leitura do mundo, para além da leitura objetiva do visível, que joga todas as suas fichas no poder da imagem, aposta essa vencedora no mundo atual. Ao contrário, é buscando usar a fotografia para mostrar que nem tudo que está aí pode ser compreendido pelo olhar mais límpido e apressado que o artista persiste realizando imagens. Mesmo que, ao final, elas existam antes para nos ensinar a desconfiar do que vemos, do que para acreditarmos de modo imediato no que elas podem nos oferecer.

Esta intenção de interrogar os limites do olhar e da própria fotografia prossegue na série “Five on Fifth”, composta por cinco imagens ordenadas sequencialmente no espaço. Nesta obra, Restiffe joga com clichês, o primeiro deles é indicado logo no título, as fotos foram feitas num ícone de Nova York, a Quinta Avenida. Há ainda a referência ao estilo cinematográfico do claro-escuro e o contraluz, tão freqüente na fotografia de rua. Estes elementos são usados para registrar uma pequena multidão num dia ensolarado. A luz irradiada, por sua vez, possui o efeito contrário do esperado, acabando por cegar e diminuir a visibilidade, deixando todos na penumbra. Mais uma vez o artista desvia o olhar e a foto de suas pretensões de clareza e totalizações. A luz, ao invés de esclarecer, obscurece, a cena se torna propositalmente difusa, os contornos pouco nítidos, os clichês se embaralham, transformando o que deveria ser um cartão postal em uma série de fotos onde os códigos são subvertidos.

A obra que completa a participação de Restiffe na exposição chama-se “Reflexão”. Mais uma vez há uma economia da imagem, como um trabalho de subtração, e não de adição, onde o que é velado e visto de soslaio interessa mais do que o explícito. Na obra em questão vemos a fotografia do interior de uma casa na qual uma obra do artista se encontra exposta, encostada numa parede à direita da imagem. Se buscarmos enxergar o que há nesta obra veremos somente o reflexo do interior da casa e a vista da grande janela iluminada e arborizada ao fundo. Ou seja, não há nada ali de fato para ser visto, mas tão somente o reflexo do que está entorno. Mais uma vez o periférico, o que não se mostra por inteiro, de maneira direta, está no centro das atenções. Assim como na série “Five on Fifth”, aqui também o excesso de luz finda por esconder mais do esclarecer. A luz intensifica o reflexo que acaba por velar o que está por trás do vidro, no caso a obra de arte de Restiffe. A obra dentro da obra; obra que não revela a obra, mas tão somente um jogo de reflexos, velamentos, construindo imagens que mais uma vez nos fazem pensar, pela sua própria forma de construção, que o que há para ser compreendido pode estar encarnado numa imagem, mas, ao mesmo tempo, seus significados habitam para além das nossas retinas.

A série de fotografias exibida por Matheus Rocha Pitta contem, já na sua visualidade, um tom obscuro, que não se entrega de imediato ao olhar. Os objetos ali apresentados são familiares, mas o conjunto de difícil decifração. Esta espécie de estranhamento é uma constante na obra do artista. Matheus vem construindo um vocabulário próprio, cujos códigos pedem paciência e uma mudança de ritmo no que concerne ao nosso costume, cada vez maior, com o que é rápido e se entrega velozmente. Aqui a decifração é de uma outra natureza, mais lenta e velada.

“Câmeras de Compensação”, o trabalho apresentado, faz parte da série “Jazida”, cujo ponto de partida é uma analogia entre latas de filme e moedas de dinheiro. As latas encontravam-se abandonadas em estantes num porão úmido e escuro da cinemateca do MAM do Rio de Janeiro. Milhares de horas de filmes, obras de arte, articulações de pensamento, ali, mofando, entregues ao esquecimento. Imagens como construção de desejo, dinheiro como desejo em estado latente. Imagens mofando, desejos azedando.

Matheus tratou essa espécie de tesouro abandonado realizando esta ordem de associações. Mas se tal cadeia de relações - arte e dinheiro; arte e desejo; dinheiro e desejo - está cada dia mais evidente no mundo em que vivemos, na obra do artista ela ganha um tom propositalmente difuso. Não se trata de lidar com estas associações fazendo uso de imagens de Hollywood, o que seria óbvio. Mas sim se valendo de um porão decadente, estantes de metal e latas de negativo abandonadas que, pela forma, podem remeter a moedas.

Note-se também a construção formal presente nestas fotografias. As estantes são registradas em profundidade, criando uma ilusão na qual parece que as latas/moedas estão caindo, uma espécie de cofre/cassino de um tempo que já passou, onde o dinheiro guardado, jogado, ganho ou perdido, já não vale mais. O uso da luz e as formas circulares e retas evocam algo da fotografia moderna, de um início de século XX onde a tecnologia era celebrada, uma era mecânica, e não eletrônica.

A ambigüidade entre este vocabulário intempestivo – fora do tempo – e associações extremamente atuais é o que doa estranheza e pertinência à obra do artista. Matheus bem sabe o quanto vivemos uma época na qual o capitalismo tem o poder de colonizar, interditar, dia a dia, produções subjetivas, criativas, estéticas, de cada ser humano. Estas “Câmeras de compensação” findam por remeter a esse jogo tão claro quanto inconsciente que atravessa nossas vidas diariamente. A arte é uma forma estética e

MERCEDES VIEGAS

| ARTE CONTEMPORÂNEA

política de desfazer tais colonizações e interdições. Assim é a obra de Matheus, que na sua beleza carrega consigo a sabedoria crítica diante de dias obscuros e traiçoeiros como os nossos.

Se artistas como Mauro Restiffe e Matheus Rocha Pitta atuam, cada um a seu modo, introduzindo um estranhamento em suas fotografias, na obra de Flavio Colker o caminho é inverso. Após um processo de esgotamento do seu próprio processo como fotógrafo, o artista retornou às imagens buscando um realismo delicado. Realismo é um termo que interessa a Colker. Porém, menos do que um debate sobre o estatuto da fotografia, penso que vale notarmos a poética presente nos trabalhos aqui apresentados.

O vocabulário destas imagens é o do cotidiano mais próximo do artista. Uma poltrona vazia é fotografada de modo frontal, sem qualquer efeito de luz; vemos um sofá com lençóis brancos amarfanhados; uma mulher cuja pele e cujas roupas tornam-se listradas pela luz do sol refletida; e ainda uma pequena estrada de terra desabitada, num dia nublado.

Neste processo de indagação sobre seu trabalho, Colker chegou a questão do realismo, questionou os diversos maneirismos, manipulações, presentes em grande parte da fotografia contemporânea, e findou, depois de um longo caminho, chegando ao mais próximo e simples. A resposta, como no conto de Edgar Allan Poe (A Carta Roubada), estava bem a sua frente e ele, no entanto, não enxergava. Refeito o caminho, estas cenas do dia a dia, vistas e revistas, tornavam-se novas para o seu olhar. Repletas de detalhes e belezas insuspeitas. Ver o mesmo com novas lentes, polindo-as daquele embotamento que o hábito bem sabe introduzir de modo sorrateiro em cada um de nós, dia após dias, e transformar assim o lençol tocado, a pele cindida pelo sol, a poltrona marcada pelo peso, a estrada de sempre mais uma vez a ser caminhada. Esta possibilidade, sempre aberta, de encontrar nas entrelinhas do cotidiano um solo fértil para fazer arte, eis o que nos desvela as atuais obras de Flavio Colker.

Esta é a primeira vez que me deparo com a produção fotográfica de Otávio Schipper. Dele conhecia os desenhos vistos em uma exposição intitulada “Borda de Dobras”. Ali, de maneira sutil, o artista parecia investigar os limites de objetos através de desenhos orgânicos. Estava em jogo o conceito de contínuo, daí as bordas, os pontos de contato entre matérias, corpos, peles, membranas, suas possibilidades de continuidade e parada, fluidez e estancamento.

Após esta série de desenhos, o artista começa a produzir objetos feitos de borracha, feltro e chumbo, explorando as propriedades dúcteis (flexíveis; podendo ser transformadas em fios) destes materiais e trabalhando a partir dos desenhos como diagramas (projeções no plano) dos objetos no espaço. Tais objetos, por sua vez, passaram a incorporar a presença do corpo, como vemos nesta série de fotografias intitulada "Estofas".

MERCEDES VIEGAS

| ARTE CONTEMPORÂNEA

Aqui, como nos desenhos, há uma clara intenção de perceber as possibilidades de contato, continuação, entre matérias de diferentes naturezas. Objetos se moldam à coxa e aos seios de uma mulher, e vice versa. Humanos e coisas vão ganhando uma estranha complementaridade. Onde deveria haver partição, ocorre prolongamento. A consistência da borracha é familiar à cartilagem da orelha. A sugestão de corte pela lâmina de metal e a textura da pele e do feltro provocam associações. Imaginamos a vibração daquele corpo rígido na fotografia, que em vida respira, produzindo uma onda de som e movimento, tornando potente a maleabilidade intrínseca à matéria não-humana.

Para compreendermos mais o universo de Otavio Schipper devemos entrar nesta rede múltipla, que não à toa se manifesta em várias linguagens – desenho, objetos, fotografias. Pensar a questão do contínuo, em desenhos, coisas, corpos; a natureza das matérias, humanas e artificiais, seus prolongamentos e limites. Toda essa investigação vem sendo empreendida de maneira coerente em cada um dos vértices propostos por Schipper, que por sua vez conduzem uma mesma e potente poética.

São Paulo, Junho de 2008.